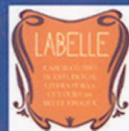


O Laboratório de estudos de literatura e cultura da *Belle Époque* - LABELLE – reúne pesquisadores interessados em investigar o final do século XIX e as décadas iniciais do século XX no âmbito cultural, literário e artístico. Proposta tão ampla quanto o termo aglutinador, *belle époque*, que torna-se interessante por permitir, aos pesquisadores, transitar com maior flexibilidade em meio à riqueza do período sem a restrição de termos presentes no cânone que procuram definir aspectos parciais da intensa produção. Mas, permanece a pergunta incontornável: por que estudar a produção literária, cultural e artística entre 1890-1920? Qual a relação dessa produção com as tensões do contemporâneo? Em que medida tais investigações podem enriquecer os estudos literários? Este livro lança um olhar crítico para a potência da “bela época” e nos faz entender que o qualificativo “bela” não anula os conflitos, as tensões, as revisões, o mal-estar na modernidade, que impregnaram o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, seja nas grandes capitais europeias, exemplos da espetacularização do progresso, seja em nosso país, república periférica. *Belle Époque em perspectiva* apresenta as cartografias simbólicas da *Belle Époque*, de acordo com o material pesquisado pelos autores – crônicas, romances, periódicos, diários, cartas, filmes, poemas, caricaturas, cenas pictóricas, detalhes arquitetônicos e decorativos, cardápios, manifestos de educadores, entre outros – em busca da compreensão e/ou da problematização da grande crise histórica que marcou o ingresso do Brasil na modernidade, após a Abolição e na Primeira República. O retorno aos anos 1900 não configura a busca de uma origem da modernidade ou de um tempo perdido, mas oportunidade para apreender sobre os recursos de escritores e artistas diante do desafio de ampliar as estratégias da linguagem literária frente a novas sociabilidades e sensibilidades. E, sobretudo, trazer os impasses projetados na forma literária e artística, iluminando as tensões do processo. Estudar as respostas estéticas, densas e problematizadoras a tal desafio instiga a renovação dos estudos literários. Afinal, se não pudemos escolher o tipo de passado que herdamos – descrito nos manuais literários – podemos sem dúvida repensar o tipo de passado que teremos, a partir de releituras e novos olhares que exercitem a possibilidade de ver as coisas de modo diferente, com paixão racional.



CARMEM NEGREIROS
FÁTIMA OLIVEIRA
| ORGANIZAÇÃO |

Belle Époque em perspectiva

intermeios

QUADRO I: O VISÍVEL, O INVISÍVEL
E A PALAVRA

Entre o visível e o invisível: cenas no
interior da máquina desejante
Marcus Rogério Salgado

Belle Époque, espetáculo e vigilância
Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo

Cinematografia e imprensa no Rio
de Janeiro da *Belle Époque*
Marcus Vinícius Nogueira Soares

Livros de poemas ilustrados na *Belle
Époque*: considerações
Armando Gens

Matizes do moderno: poesia deca-
dentista na revista *Kosmos*
Fernando Monteiro de Barros

QUADRO II: DO CORPO E DO ÍNTIMO
EM PÚBLICO

Pimentões (rimas d'O Filhote), de
Puff e Puck: Olavo Bilac, Guimarães
Passos e a "pornografia decotada"
na *Belle Époque*
Leonardo Mendes
Renata Ferreira Vieira

O espaço epistolar na *Belle Époque*:
cenografia e sensibilidade moderna
nas cartas de escritores brasileiros
viajantes
Marcelo dos Santos

Ética e estética na literatura brasileira
escrita por mulheres
Anna Faedrich

Belle Époque em perspectiva

CARMEM NEGREIROS

FÁTIMA OLIVEIRA

| ORGANIZAÇÃO |

Belle Époque
em perspectiva

São Paulo
2020



intermeios
CASA DE ARTES E LIVROS



Fundação Getúlio Vargas Filho de Arraújo
A Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Editora Intermeios
Rua Cunha Gago, 420 / casa 1 – Pinheiros
CEP 05421-001 – São Paulo – SP – Brasil
Fones: [11] 2365-0744 – 94898-0000 (Tim) – 99337-6186 (Claro)
www.intermeioscultural.com.br

•
BELLE ÉPOQUE EM PERSPECTIVA

© Carmem Negreiros | Fátima Oliveira

1ª edição: outubro de 2020

•
Editoração eletrônica, produção Intermeios – Casa de Artes e Livros
Revisão Ana Bernardes
Capa Lívia Consentino Lopes Pereira

•
CONSELHO EDITORIAL

Vincent M. Colapietro (Penn State University)
Daniel Ferrer (ITEM/CNRS)
Lucrecia D'Alessio Ferrara (PUCSP)
Jerusa Pires Ferreira (PUCSP)
Amálio Pinheiro (PUCSP)
Josette Monzani (UFSCar)
Rosemeire Aparecida Scopinho (UFSCar)
Walter Fagundes Morales (UESC/NEPAB)
Izabel Ramos de Abreu Kisil
Jacqueline Ramos (UFS)
Celso Cruz (UFS)
Alessandra Paola Caramori (UFBA)
Claudia Dornbusch (USP)
José Carlos Vilardaga (Unifesp)
Barbara Arisi (Unila)
Nikita Paula (Ancine)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

N385 Negreiros, Carmem, Org.; Oliveira, Fátima, Org.
Belle Époque em perspectiva / Organização de Carmem Negreiros e Fátima Oliveira – Rio de Janeiro: FAPERJ, LABELLE; São Paulo: Intermeios, Faperj, 2020.

318 p. ; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-86255-22-5

1. História. 2. História do Brasil. 3. História Social. 4. Crítica Social. 5. Literatura. 6. Arte. 7. Cultura. 8. Cidade do Rio de Janeiro. 9. João do Rio (1881-1921). 10. Lima Barreto (1881-1922). I. Título. II. O visível, o invisível e a palavra. III. Do corpo e do íntimo em público. IV. Vertigem da rua, da festa, da utopia. V. Lima Barreto: leituras. VI. Debates à mesa e nos jornais. VII. Negreiros, Carmem, Organizadora. VIII. Oliveira, Fátima, Organizadora. IX. Salgado, Marcus Rogério. X. Figueiredo, Carmem Lúcia Negreiros de. XI. Soares, Marcus Vinicius Nogueira. XII. Gens, Armando. XIII. Barros, Fernando Monteiro de. XIV. Mendes, Leonardo. XV. Vieira, Renata Ferreira. XVI. Santos, Marcelo dos. XVII. Faedrich, Anna. XVIII. Cohen, Leonardo. XIX. Dealtry, Giovanna. XX. Martins, Angela Maria Roberti. XXI. Chauvin, Jean Pierre. XXII. Oliveira, Fátima. XXIII. Melo, José Osmar de. XXIV. Araújo, Gilberto. XXV. Nogueira-Pretti, Luciana. XXVI. LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque. XXVI. Intermeios – Casa de Artes e Livros.

CDU 93(81)
CDD 981

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – 6/1154

Sumário

9 Apresentação

Quadro I: O visível, o invisível e a palavra

19 Entre o visível e o invisível: cenas no interior da máquina desejan-te
Marcus Rogério Salgado

31 *Belle Époque*, espetáculo e vigilância
Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

57 Cinematografia e imprensa no Rio de Janeiro da *Belle Époque*
Marcus Vinicius Nogueira Soares

75 Livros de poemas ilustrados na *Belle Époque*: considerações
Armando Gens

91 Matizes do moderno: poesia decadentista na revista *Kósmos*
Fernando Monteiro de Barros

Quadro II: Do corpo e do íntimo em público

113 *Pimentões (rimas d'O Filhote)*, de Puff e Puck: Olavo Bilac, Guimarães Passos e a “pornografia decotada” na *Belle Époque*
Leonardo Mendes
Renata Ferreira Vieira

135 O espaço epistolar na *Belle Époque*: cenografia e sensibilidade moderna nas cartas de escritores brasileiros viajantes
Marcelo dos Santos

151 Ética e estética na literatura brasileira escrita por mulheres
Anna Faedrich

Quadro III: Vertigem da rua, da festa, da utopia

163 João do Rio: a vida vertiginosa e a Grande Guerra
Leonardo Cohen

183 Índios na modernidade carioca: entre a representação da nação e o carnaval popular
Giovanna Dealtry

201 Considerações acerca da literatura que se produziu e circulou no movimento anarquista durante a *Belle Époque* no Rio de Janeiro e a produção literária de Domingos Ribeiro Filho
Angela Maria Roberti Martins

Quadro IV: Lima Barreto: leituras

221 Entre Jonathan Swift e Lima Barreto
Jean Pierre Chauvin

237 O “niveo escudo” e a “linha negra”: interseções nas notas íntimas de um jovem escritor na *Belle Époque* carioca
Fátima Oliveira

263 Lima Barreto e a *Belle Époque*
José Osmar de Melo

Quadro V: Debates à mesa e nos jornais

285 Menus literários na *Belle Époque* brasileira: alguns apontamentos
Gilberto Araújo

297 A República dos Professores e o *Bulletin de l'Union pour l'Action Morale* na *Belle Époque* francesa
Luciana Persice Nogueira-Pretti

313 **Sobre os autores**

Apresentação

O Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – LABELLE – reúne pesquisadores interessados em investigar o final do século XIX e as décadas iniciais do século XX no âmbito cultural, literário e artístico. Proposta tão ampla quanto o termo aglutinador, *belle époque*, que se torna interessante por permitir, aos pesquisadores, transitar com maior flexibilidade em meio à riqueza do período sem a restrição de termos presentes no cânone que procuram definir aspectos parciais da intensa produção. Mas, permanecem as perguntas incontornáveis: por que estudar a produção literária, cultural e artística entre 1890-1920? Qual é a relação dessa produção com as tensões do contemporâneo? Em que medida tais investigações podem enriquecer os estudos literários?

Período seminal da modernidade brasileira, guarda muitos motivos de investigação no esforço de pesquisadores para “arrancar a tradição ao conformismo” (BENJAMIN, 1987, p. 224) e pensar com base em algumas questões, como o estabelecimento de um projeto de nação que incorpora a ciência como instrumento normalizador do Estado e envolve literatos, engenheiros, médicos em busca de respostas a: o que é o Brasil? Quem são os brasileiros? Qual é o moderno projeto de nação? E, ainda, observam-se o nascimento da cultura midiática e a formação de um ambiente tecnológico moderno, submetendo os sujeitos a novas velocidades e sobrecargas sensoriais sem precedentes. Disseminam-se estratégias e tecnologias ligadas ao entretenimento que se tornam mecanismos difusores de poder subjetivamente internalizados.

Há também a fascinante mistura de radicalismo político – do anarquismo, comunismo ou fascismo – e experimentações estéticas, com renovação na

linguagem gráfica, visual, literária e artística em meio a manifestações de movimentos de mulheres e operários, guerra imperial, lutas da população marginalizada contra a opressão da ordem, expressa na força policial ou no aparato médico-judiciário, ao lado de propostas de muitas utopias sociais.

Apesar da rica fermentação, desde a música que combina vários ritmos, estilos e tradições à literatura e seu diálogo e fascínio pelas novas técnicas, a produção artística e literária recebe qualificativos redutores como “sincretismo”, literatura “sorriso da sociedade” ou o marcador temporal “período de transição” ou “pré” como estratégia editorial fácil e acomodação aos princípios da historiografia literária.

Nos anos 90 do século XX, houve uma efervescência de estudos por meio de pesquisadores muito significativos como José Murilo de Carvalho, Flora Süssekind, Nicolau Sevcenko, Monica Pimenta Veloso, Rosa Gens e Armando Gens, entre outros. A partir de seus estudos, muitas obras foram ressignificadas e novos pesquisadores entusiasmaram-se pela temática. No entanto, depois do auge da produção dessas pesquisas, houve um relativo arrefecimento de interesse pelo período, embora individualmente alguns estudiosos persistissem na investigação de obras e autores no campo estético e cultural.

Desde 2015, os pesquisadores do LABELLE procuram nas suas reflexões problematizar a recepção dessas obras e as diferentes nuances da produção, com resultados divulgados em cursos de graduação e pós-graduação e em <http://labelleuerj.com.br>, site no qual está disponível o Acervo Digital com perto de duzentas obras literárias digitalizadas para consulta.

O primeiro livro, lançado em 2016, *Belle Époque: crítica, arte e cultura* (Intermeios, SP), expressou a reunião dos pesquisadores com a apresentação de seus objetos de investigação, da música às crônicas literárias, no contexto da reforma urbana na capital da Primeira República; também contemplou o estudo de obras de diferentes autores nos variados estilos e gêneros. A obra trouxe à baila a atmosfera artística, literária e jornalística das primeiras décadas do século XX, quando salões, cabarés, confeitarias, cinemas, teatros e conferências se cruzam como espaços de encontros e divulgação de arte.

Seminários e colóquios levaram o grupo a pensar num eixo de reflexões em torno da experiência urbana e suas consequências, tais como a tensa e rica relação entre literatura e imprensa, a profissionalização do escritor, a emergência de um novo observador, a reconfiguração dos modos de percepção e a renovação da escrita. Para desenvolver a proposta, o LABELLE organizou simpósios, nos anos de 2016 e 2017, durante o XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). O resultado pode ser visto no e-book *Belle Époque: efeitos e significações*, que se encontra publicado em <http://abralic.org.br/publicacoes/ebooks>.

Ainda no eixo literatura e experiência urbana, novos estudos e reflexões foram publicados no volume *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade* (Editora Relicário, 2019).

O mérito do Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* consiste no agrupamento de pesquisadores interessados em investigar o período que se convencionou chamar *belle* e no incremento de novos estudos, numa perspectiva multidisciplinar. Isso tem garantido aos participantes intercâmbios teórico-críticos, reflexões e avanços consideráveis na investigação, perceptível a cada encontro, debate, simpósio, colóquio, fórum de estudantes e capítulo dos livros publicados.

Este livro é resultado do Colóquio “*Belle Époque* em perspectiva”, realizado em maio de 2019 no Instituto de Letras da UERJ. A multiplicidade de pontos de vista nas conversas entre pesquisadores configurou um debate rico e um diálogo profícuo da literatura com outros saberes.

O título “*Belle Époque* em perspectiva” quer sugerir a mobilidade e versatilidade da mirada interpretativa e conceitual dos pesquisadores, posicionados no final da segunda década do século XXI. Lançar um olhar perquiridor para a potência da “bela época” nos faz entender que o qualificativo “bela” não anula os conflitos, as tensões, as revisões, o mal-estar da modernidade, que impregnaram o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, seja nas grandes capitais europeias – exemplos da espetacularização do progresso –, seja em nosso país, república periférica.

Para que os leitores aproveitem melhor os temas, dividimos o volume em quadros que põem em movimento diferentes reflexões.

No primeiro movimento, Marcus Salgado apresenta o corpo da cidade que, “sob a alternância de estímulos luminosos diversos”, parece explicitar “o quanto de *diferença* constitui a sua corporeidade” e como a literatura torna visíveis os corpos “dissidentes” ou que transgridem a normatividade biopolítica. E se a *Belle Époque* é marcada pelo espetáculo, este oferece em contrapartida a vigilância. Carmem Negreiros aponta que o espetáculo vindo das ruas, telas, vitrines e mercadorias também significa controle dos sujeitos, tornando-os objetos de observação e estudo científico, comportamental e criminalístico, além de ávidos consumidores.

A recepção do cinematógrafo no Rio de Janeiro é detalhadamente estudada por Marcus Vinícius Nogueira Soares, que acompanha o gradativo aumento do interesse mercadológico, registrado nas páginas dos principais jornais, e as reações dos principais cronistas, especialmente João do Rio, diante de seus efeitos no cotidiano.

Armando Gens oferece-nos questões relevantes sobre a mídia impressa no Brasil e seu ímpeto modernizante a partir de 1900. Com olhar apurado, o

autor examina as ilustrações de livros de poemas e destaca a presença do estilo *Art Nouveau* no traço dos artistas que idealizavam os projetos gráficos dessas obras. O esteticismo literário *art nouveau* presente na revista *Kósmos* é motivo de interesse no artigo de Fernando Monteiro de Barros. As produções literárias desse sofisticado periódico carioca abarcam tanto a chamada literatura como “sorriso da sociedade” quanto textos transgressores, de matizes decadentistas, afinados, segundo o autor, com a perspectiva do moderno na poesia.

O Quadro II trata da intensa explosão do corpo na *Belle Époque*, quer seja o corpo biológico, que deve ser medicalizado, ou controlado, ou o corpo que irrompe em desejo, prazer e sensualidade. Leonardo Mendes e Renata Ferreira Vieira discutem e problematizam questões relativas à pornografia e à escrita erótica, que passam a “ocupar um lugar de maior publicidade nas livrarias e imprensa periódica”. Escritores da elite letrada, ao perceberem um filão comercial lucrativo nesse tipo de produção, voltaram-se para essa temática licenciosa, que atendia ao novo mercado de “livros para homens” ou de “literatura alegre”.

Marcelo dos Santos aborda a correspondência de escritores brasileiros em missões diplomáticas fora do país e assinala, na produção do discurso epistolar, a “teatralização da subjetividade, da intimidade, na qual o sujeito se produz aos olhos cúmplices de seus destinatários”. A cena discursiva das cartas trocadas entre esses escritores é visitada pelo autor como espaço marcante da sensibilidade moderna.

O processo sistemático de exclusão do cânone das mulheres escritoras do século XIX é o ponto de partida da análise de Anna Faedrich, cuja reflexão aponta o silenciamento do corpo e da voz feminina na historiografia literária e reivindica a (re) construção de uma fortuna crítica, fundamentada em valores éticos e estéticos, para a literatura de autoria feminina.

O Quadro III traz o movimento vertiginoso do cosmopolita João do Rio, que acompanhou e registrou as repercussões da Primeira Guerra Mundial. De acordo com a pesquisa de Leonardo Cohen, o cronista defende com entusiasmo a participação direta do Brasil no conflito e, depois, acompanha de perto, como correspondente do jornal *O Paiz*, a Conferência de Paz em Paris e Versalhes.

Na vertigem do moderno, a pergunta que ecoa entre literatos, engenheiros e médicos é: qual o novo projeto de nação? Resposta nada fácil para cronistas, desenhistas e caricaturistas, que, segundo Giovanna Dealtry, “enfrentaram um dilema entre o projeto de síntese nacionalista, voltada para o passado, herdada dos oitocentos, e a pluralidade de caminhos pela inauguração não só da nova capital, mas pelas formas de habitar e existir nesse novo território narrativo também”.

Angela Roberti coloca no centro do debate a literatura que se produziu e circulou no movimento anarquista, muito presente na capital da República durante a *Belle Époque*. A relação entre literatura e política é abordada nos “romances de combate” do escritor Domingos Ribeiro Filho que, ao aderir à chamada *estética libertária*, na qual confluem arte e vida, contribuiu para “a formação da mentalidade de homens e mulheres livres, colocando em jogo a produção de subjetividades”.

Um dos mais ativos escritores do período, Lima Barreto, tem sua obra visitada, no Quadro IV, sob diferentes perspectivas. Jean-Pierre Chauvin problematiza a diminuição do valor estético da obra do escritor carioca pela historiografia e dedica-se à reflexão sobre *Bruzundangas*, numa análise comparada com a obra de Jonathan Swift, e questiona: “a sátira barretiana dialogaria, em feição, tema e forma, com as *Viagens de Gulliver*, escrito quase duzentos anos antes?”.

Fátima Oliveira lê com sutileza o *Diário íntimo* para acompanhar o “olhar estético e político” de Lima Barreto. A pesquisadora revela a bela cena em que o escritor contempla os elementos decorativos de um palacete da administração pública e realiza um interessante movimento: a projeção da cena de escravos colhendo café – numa tela que decora o espaço que negros e pobres jamais frequentarão com desenvoltura – sobre a história cultural e a escravidão, num imbricamento com a história pessoal do escritor.

José Osmar de Melo apresenta as tensões da vida literária e a atuação de Lima Barreto para apontar os avanços estéticos e confrontos produzidos pelo autor no diálogo com seus pares.

Dois artigos preenchem o Quadro V. Gilberto Araújo contempla as relações entre literatura e gastronomia e, de modo instigante, evoca o intercâmbio entre os aspectos da vida sociocultural da *Belle Époque* e as formas textuais vigentes. A viagem gastronômica proposta no ensaio sugere aos leitores um cardápio suficientemente rico e variado para despertar o apetite estético.

Luciana Persice apresenta-nos o *Bulletin de l'Union pour l'Action Morale*, cuja orientação guiou alguns setores da intelectualidade francesa, tornando-se um divulgador do ideário da Terceira República (1870-1940) que, no entanto, ainda encontra eco em setores do ensino público francês atual. O *Bulletin* constitui, segundo a autora do artigo, um fundamento político e filosófico pouco estudado, ainda que seus efeitos e princípios permaneçam entre os pilares da contemporânea república francesa com vistas à construção de uma sociedade mais justa.

Cada um dos cinco quadros deste volume compõe, de diferentes perspectivas, as cartografias simbólicas da *Belle Époque*, de acordo com o material compulsado pelos autores – crônicas, romances, periódicos, diários,

cartas, filmes, poemas, caricaturas, cenas pictóricas, detalhes arquitetônicos e decorativos, cardápios, manifestos de educadores, entre outros – em busca da compreensão e/ou da problematização da grande crise histórica que marcou o ingresso do Brasil na modernidade, após a Abolição e na Primeira República. Em especial, este livro destaca o papel decisivo que cabe à imaginação literária ou artística, em geral, e às energias intelectuais em tempos de mudança histórica. Mudanças impulsionadas não só por gestos políticos, mas também por invenções técnicas e uma nova consciência corporal. Mudanças que inevitavelmente produzem efeitos em percepções, comportamentos e ações e afetam o relacionamento das pessoas com seus corpos, sua cidade, suas ocupações profissionais, seu aprendizado e elã criativo, seus modos de diversão e demais cuidados de si; ou seja, mudanças que alcançam a subjetividade dos sujeitos e performatizam um renovado *ethos* social.

Acompanhar a luta empreendida por artistas e escritores frente ao que lhes apresenta a tradição e o dinamismo de novas formas, vindas das tecnologias da imagem, da tensão das ruas, do desenho de novas subjetividades é o que move os pesquisadores do LABELLE.

O retorno aos anos 1900 não configura a busca de uma origem da modernidade ou de um tempo perdido, mas uma oportunidade para aprender sobre os recursos de escritores e artistas diante do desafio de ampliar as estratégias da linguagem literária frente a novas sociabilidades e sensibilidades. E sobretudo trazer os impasses projetados na forma literária e artística, iluminando as tensões do processo. Estudar as respostas estéticas, densas e problematizadoras a tal desafio instiga a renovação dos estudos literários.

Este livro permite a entrada e diálogo com o rico e surpreendente patrimônio literário e visual formado por variadas representações da cultura urbana, de suas metamorfoses, dos suportes e lugares onde essa memória se materializa. Talvez até inspire a visita a lugares ainda não tocados, que guardam questões apaixonantes para as quais ainda buscamos respostas e entre as quais permanece a mais interessante delas: como podemos entender o mundo que concebemos para nós e como a literatura reage e resiste a ele?

Diante da crescente disponibilidade tecnológica, torna-se cada vez mais urgente dialogar com o passado cultural, artístico e histórico, especialmente em momentos de crise como o que vivemos durante a pandemia provocada pela Covid-19. Se não pudemos escolher o tipo de passado que herdamos – descrito nos manuais literários –, podemos sem dúvida repensar o tipo de passado que teremos, com base em releituras e novos olhares que exercitem a possibilidade de ver as coisas de modo diferente, com paixão racional.

E, nesse momento, em que acompanhamos o desrespeito à pesquisa nas Humanidades, com o enfraquecimento de fomento e falta de incentivo aos

estudos da área pelo CNPq, é preciso agradecer à FAPERJ o apoio contínuo ao projeto LABELLE- UERJ, contemplado em diversos editais.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Obras escolhidas I*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARMEM NEGREIROS & FÁTIMA OLIVEIRA